



CEBRAP: 50 ANOS PENSANDO O BRASIL

<http://dx.doi.org/10.25091/S01013300201900010007>

ANGELA ALONSO

Meio século não é pouco. Para quem nasceu nas trevas do regime de exceção, a longevidade em si é um feito. As cinco décadas do Cebrap foram como as do país, de avanços e crises, acordos e conflitos, esperanças e agonias.

Vingamos, não de parto natural, mas a fórceps. Foi no ano em que os americanos chegaram à Lua; a razão, porém, foi mais terrena. Os cebrapianos iniciais foram alguns dos muitos expulsos das entranhas universitárias ou do espaço público em 1968. Gente variada, caso do economista Paul Singer, dos sociólogos Juarez Brandão Lopes e Fernando Henrique Cardoso, do filósofo José Arthur Giannotti e dos demógrafos Elza Berquó e Cândido Procópio, nosso primeiro presidente.

Assim, o Cebrap nasceu interdisciplinar por obra da ditadura. A intervenção na universidade obrigou profissionais dessemelhantes em estilo, métodos e objetos a buscarem novo teto sob o qual pensar. Instalaram-se na rua Bahia, onde, de quando em quando, vinham visitá-los as intimações, os interrogatórios e mesmo uma bomba. O sossego chegou com a redemocratização. Já na rua Morgado de Mateus, agregaram-se novos pesquisadores, sem que se perdessem os traços de origem: a reflexão sobre os rumos do país e o desrespeito às fronteiras das especialidades. Desde o início, o sarrafo foi alto. A discussão franca até os limites da civilidade intimidou uns, mas formou muitos.

O Cebrap é um lapidador de cérebros. Durante mais de vinte anos, o Programa de Formação de Quadros Profissionais, dirigido por Giannotti, educou a pensar problemas e a pensar por conta própria. Seus egressos ficaram na Casa ou foram para universidades, instituições de pesquisa, a diplomacia ou a burocracia pública. Depois, o programa se reinventou em nível de pós-doutorado e, há dois anos, ganhou outra escala, como International Postdoctoral Program-IPP, em acordo com instituições estrangeiras, caso da Universidade de Princeton.

Aliás, as parcerias internacionais são traço perene da vida cebrapiana. Apenas nos últimos cinco anos, tivemos projetos com BID (Banco Interamericano de Desenvolvimento), Unesco (Organização das Nações Unidas para a Educação, a Ciência e a Cultura), British Council, OPAS (Organização Pan-Americana da Saúde), OIT (Organização Internacional do Trabalho), UNFPA (Fundo de População das Nações Unidas) e as universidades de Cambridge, Sussex e Universidade Livre de Berlim. Com a Universidade de São Paulo (USP), nos tornamos sede de um centro de altos estudos, o Mecila, em conjunto com universidades alemãs e latino-americanas, que caminha para seu terceiro ano.

O engajamento no debate público é outra marca do Cebrap, no que são chave os seminários próprios e os eventos conjuntos com parceiros estratégicos, caso da *Folha de S.Paulo* e do Sesc. Por nosso “mesão” passaram e passam a nata da inteligência nacional, intelectuais estrangeiros de ponta e atores públicos.

Os tempos mudaram, mudamos com eles. Enquanto os pioneiros discutiam com giz e lápis, os novos cebrapianos navegam na galáxia digital. O Cebrap se modernizou, atua em várias plataformas, fala por blogs e sites, como o desta revista, por vídeos, caso da série #CebrapPesquisa, além de manter um arquivo digital vivo, a Biblioteca Virtual.

Dos 27 fundadores crescemos para 140 pesquisadores vinculados a 26 projetos em andamento neste ano. Os núcleos de pesquisa se multiplicaram, viraram celeiros de novos profissionais. Nosso arco temático mantém agendas que vêm desde os começos, com estudos sobre democracia, desigualdades, desenvolvimento, movimentos sociais, religião, políticas de saúde, mudanças demográficas e questões urbanas, mas também se alargou para tratar de crime, política externa, mobilidade urbana, inovação e internet.

Toda casa tem seus problemas de sucessão. O Cebrap é êxito raro de renovação interna, uma resultante quase inadvertida da constante convivência intergeracional. Manter a casa aberta com sua independência de pensamento é que tem sido o maior desafio. Os financiamentos iniciais secaram, quando, nos anos 1990, as grandes fundações internacionais, como a Ford, a Tinker, a Hewlett, a MacArthur, tiraram seu foco da América Latina. Desde então, o esforço coletivo tem sido o da diversificação. Contamos com o apoio fundamental da Fapesp, por meio de um cepid (centro de pesquisa, inovação e difusão) — o Centro de Estudos da Metrópole —, quatro projetos temáticos, além de vários auxílios a pesquisa e bolsas de pós-doc, e da Fundação Carlos Chagas, que mantém a *Novos Estudos Cebrap*. Ampliamos as parcerias no estudo de políticas públicas para além dos órgãos governamentais, em acordos com instituições privadas, caso do *Valor*

Econômico e do Itaú. Além disso, a *expertise* em desenhos de pesquisa e em metodologias qualitativas e quantitativas gerou o cebrap.lab, que oferece cursos de curta duração.

Na maturidade, viramos uma instituição sólida, que envelheceu sem perder as feições de origem. Mantemos o olho agudo no presente, a conjuntura contemporânea apenas atíça a brasa fundacional.

O legado da geração pioneira é uma agenda e um *ethos*. A agenda é entender este país. Escritos, debates e investigações cebrapianas seguem focalizando problemas estruturais, conjunturas críticas, dilemas brasileiros. O *ethos* é a busca da excelência do pensamento e a defesa de uma sociedade justa e democrática. Nascemos na resistência ao obscurantismo e ao autoritarismo. Meio século depois, é ainda este espírito que nos anima e ilumina.

ANGELA ALONSO é professora do departamento de sociologia da Universidade de São Paulo e presidente do Cebrap.

